



O filósofo James Garvey, em sua obra *Mudanças climáticas: considerações éticas – o certo e o errado no aquecimento global*, propõe que o clima está esquentando e os seres humanos são a principal causa disso, sendo que até 2100 é esperado que a temperatura aumente em torno de 2,6 graus, o suficiente para aumentar o nível dos mares de maneira significativa. O quão mais quente fica, mais espaço a água ocupa na mesma medida em que mais água derrete das geleiras, o que contribui para a precarização da vida no planeta. O sol esquento o planeta e parte desse calor é absorvido por gases da atmosfera, a partir daí a Terra os manda de volta para o espaço, porém, a queima de combustíveis fósseis lança alguns desses gases na atmosfera e seu excesso aumenta a temperatura da superfície. Assim, conforme nós lançamos o gás carbono na atmosfera em excesso, este capta calor e modifica a temperatura do planeta, aumentando o nível dos mares e tornando regiões inabitáveis. Os gases agem como uma manta sob o planeta, por isso do termo comumente utilizado *efeito estufa*.

Essa manta engrossa – com carbono e metano – na medida em que mais gases são lançados na atmosfera, o que aquece o planeta com maior intensidade. Alguns dos possíveis resultados derivados do efeito estufa são o aumento de chuvas fortes, tempestades e inundações, desmoronamentos, avalanches e deslizamentos de terra; a água potável tende a se tornar mais escassa, incêndios florestais mais frequentes, terras para cultivo são danificadas e os furacões aumentam em intensidade e quantidade. Em determinados pontos do globo ambientes extremamente úmidos são criados, enquanto que em outros ambientes extremamente secos.

Na obra *Um só mundo: a ética da globalização*, o filósofo Peter Singer afirma que não há sinal mais evidente da necessidade de os seres humanos agirem globalmente do que as interrogações motivadas pelos efeitos da atividade humana sobre a atmosfera. Isso porque o dano humano infligido sobre a camada de ozônio tem como possível consequência futura uma maior incidência de tempestades tropicais, não se limitando às áreas distantes à civilização, como normalmente ocorre, mas se estendendo a ambientes altamente povoados; doenças tropicais se disseminando em razão do calor extremado a surgir e o nível do mar há de subir em torno de 40 centímetros, isso em resposta ao derretimento das geleiras.

Conforme os estudos, na medida em que o nível do mar aumenta, aumentarão as áreas inabitáveis; por outro lado, a expectativa é de que o número de pessoas só aumente com o tempo. Assim, há que se refletir acerca de para onde irá o número crescente de indivíduos em um território mundial que apenas diminui com os corolários do efeito estufa? Podemos esperar um número massivo de desabrigados lutando por suas vidas enquanto que a água delimita seu andar. Cabe ao indivíduo lidar com as questões climáticas ou os estados? Evitar a dor coletiva através de escolhas individuais sustentáveis tem como base um denso *peso moral*. O futuro incerto não deve depender da incapacidade dos estados de cooperar acerca das decisões de amenizar ou não um mal global que transcende suas soberanias. Assim proceder, seria sufocar as vozes individuais que desejam contribuir para com um bem-estar sustentável. O indivíduo não deve se submeter a um conflito internacional que impera o nacionalismo do *cada estado por si*: o efeito estufa não opera na lógica do ‘cada um por si’, mas ao contrário, seus efeitos climáticos atuam de maneira universal, rompendo fronteiras, sem margem para dissuasão.

MAURÍCIO FONTANA - ACADÊMICO DO CURSO DE DIREITO DA UNIJUI